INVENTÁRIOS FLORESTAIS
FAO/SPVEA

INVENTÁRIO DE OCORRÊNCIA DA UCUUBA NA REGIÃO DO BAIXO TOCANTINS

B. B. GLERUM

Tradução: A. de Miranda Bastos

S P V E A
AGÊNCIA GUANABARA

Inventário da Ocorrência de Ucuúba (Virola surinamensis) na região do baixo Tocantins

B. B. GLERUM

Relatório FAO n° 1.492 (4oma 1962) ao Govêrno do Brasil: "Forestry Inventory in the Amazon Valley (part VII)" - Expanded Program of Technical Assistence.

TRADUÇÃO
A. de MIRANDA BASTOS

I - INTRODUÇÃO

A execução de um inventário da área de ocorrência da ucuúba (Virola surinamensis Warb., Myristicaceae), nas áreas de várzea do baixo rio Tocantins, tinha sido previsto no programa da Seção de Inventários Florestais da Missão Florestal da FAO no vale do Amazonas.

A madeira de ucuúba é de grande conceito na indústria de compensados, mas o corte da árvore é proibido no Estado do Pará, porque suas sementes contêm uma substância oleaginosa de emprêgo na indústria de saboaria.

A atenção para êste projeto foi chamada pela primeira vez em 1956, quando do inventário da região Xingu-Tocantins (1).

---

(1) "Report to the Government of Brazil on a Forest Inventory in the Amazon Valley (Part Two). Region between Rio Xingu and Rio Tocantins. By Dammis Heinsdijk. FAO. Rome, 1958".

No mesmo foi recomendado que o Govêrno do Estado do Pará deveria tornar a árvore da ucuúba disponível para a indústria madeireira. Antes, no entanto, convinha fôsse feito um inventário da área de ocorrência da espécie.

Em 1960, foi decidido que êsse trabalho fôsse realizado assim terminasse o inventário ao longo da BR-14, matéria do "FAO Report n° 1.483 - Combined Forestry Soil Survey along the Road BR-14. FAO. Rome, 1962".

Como o tempo era curto (durante a estação chuvosa o trabalho de inventário se torna difícil, com os terrenos alagados), e porque tinha sido resolvido que o inventário da região do mogno começasse mais cedo possível, a Seção de Inventários da Missão teve tempo apenas para duas pequenas excursões, uma, entre 7 e 22 de dezembro de 1960, a outra, entre 31 de janeiro e 11 de fevereiro de 1961. Nesses intervalos, o tempo deu apenas para fazer um reconhecimento, do qual êste breve relatório é o resultado.

No mesmo foi recomendado que o Govêrno do Estado do Pará deveria tornar a árvore da ucuúba disponível para a indústria madeireira. Antes, no entanto, convinha fôsse feito um inventário da área de ocorrência da espécie.

Em 1960, foi decidido que êsse trabalho fôsse realizado assim terminasse o inventário ao longo da BR-14, matéria do "FAO Report n° 1.483 - Combined Forestry Soil Survey along the Road BR-14. FAO. Rome, 1962".

Como o tempo era curto (durante a estação chuvosa o trabalho de inventário se torna difícil, com os terrenos alagados), e porque tinha sido resolvido que o inventário da região do mogno começasse mais cedo possível, a Seção de Inventários da Missão teve tempo apenas para duas pequenas excursões, uma, entre 7 e 22 de dezembro de 1960, a outra, entre 31 de janeiro e 11 de fevereiro de 1961. Nesses intervalos, o tempo deu apenas para fazer um reconhecimento, do qual êste breve relatório é o resultado.

II - Ilhas ao norte de Baião, com total de aproximadamente 50.000 hectares.

III - Margens do rio Anapu e afluentes, com um total de 10 a 15.000 hectares.

IV - Faixa noroeste, com um total de cêrca de 45.000 hectares.

V - Banda noroeste da ilha de Marajó, com um total de cêrca de 150.000 hectares.

Região I - Tucurui - Baião

Os resultados das duas semanas de estudos na Região I - Tucurui-Baião, não foram muito encorajadores.

Na mesma foram abertas 30 picadas, com o comprimento total de 24,6 Km, sôbre as quais foram estudadas 246 parcelas de 0,1 ha (100 x 10m).

Estas parcelas localizavam-se da seguinte maneira:

23, ou 17%, na terra-firme;

22, ou 9% no igapó;

181, ou 77%, na várzea.

Nas parcelas em terra-firme a ucuúba não apareceu.

Nas 22 parcelas de igapó, a composição assim se distribuiu:

6, sejam 27%, com ucuubeiras de classe de diâmetro 3 e acima;

2, sejam 9%, com ucuubeiras de classes 1 ou 2;

4, sejam 18%, com mudas de mais de 1 metro de altura, porém menos de 5 cm de diâmetro;

10, sejam 46%, sem ucuubeiras de qualquer tipo.

Nas 181 parcelas de várzea, a composição foi esta:

4, sejam 2%, com ucuubeiras de classe 3 e acima;

6, sejam 3%, com ucuubeiras de classes 1 e 2;

2, seja 1%, apenas com mudas;

169, sejam 94%, sem árvores grandes nem mudas.

O número e o volume médio, sem casca, das ucuubeiras (ou ucuubas) encontradas nos terrenos de várzea e igapó, calcu-

lados pelas 203 parcelas de 0,1 ha, foi o seguinte:

Classe de diâmetro	N° de árvores p/ha	M3 de mad. p/ha
1	1,7	-
2	0,9	-
3	0,4	0,3
4	0,2	0,3
5 e acima	0,3	0,8

Duas viagens especiais de um dia cada uma, em bote-motor, foram realizadas ao igarapé Piroca e ao furo do Anil. No primeiro, pelo lado leste do Tocantins, nenhuma ucuúba foi encontrada. No furo do Anil, do lado oeste, apareceram algumas árvores. Para maior segurança do registro, foi aberta uma picada especial da margem oeste do Tocantins ao furo do Anil, sem se encontrar nenhuma ucuúba.

Como os reconhecimentos no terreno são custosos, e tendo, em vista os resultados precedentes, foi decidido fazer sôbre as outras regiões, primeiramente, um vôo de reconhecimento, em avião pequeno. O conhecimento adquirido com a primeira excursão permitia-nos poder identificar a

ucuúba do alto, por causa da forma da copa.

Por êste meio, tornou-se possível excluir também as regiões IV e V como áreas de ocorrência da ucuúba. As condições locais para o crescimento das mesmas, mostravam-se, aliás, menos favoráveis. Apenas em certos pontos, apareceram algumas.

Região II - Ilhas ao norte de Baião

Nesta região, quase não existem igapós. O terreno é quase todo de várzea, com uma população relativamente densa na faixa de terra-firme ao longo do rio, onde se situam alguns povoados e a cidade de Cametá.

Grandes áreas de terra-firme são ocupadas pela lavoura, ou são campos. A maior parte das ilhas são também mais ou menos povoadas, sendo que nestas, a lavoura é em menor escala, por causa da existência de seringais nativos e de cacaueiros. Parece que a limpeza do terreno para favorecer a extração da borracha e a co-

lheita do cacau favorece, posto que não intencionalmente, a regeneração da ucuúba.

Tôda a região é sujeita a influência das cheias do rio (1 a 2 metros de diferença, no inverno) e as ilhas, em particular, ficam inundadas durante essa estação.

Peixe, borracha, cacau, sementes de ucuúba e de andiroba, para a extração de óleo, e, em muito pequena escala, madeira, constituem os principais produtos da região.

Em tôdas as picadas abertas, com um comprimento total de 12 quilômetros, dos quais 11,3 na várzea, foram estudadas 113 parcelas de 0,1 ha (100 x 10 m).

Essas picadas assim se localizaram:

1 ao longo da margem do Tocantins, em terreno de várzea, até o encontro da terra firme, onde começam os campos;

5 sôbre cinco ilhas com vegetação de floresta e buriti e outras palmeiras;

4 em mais quatro ilhas, cobertas apenas por buriti e outras palmeiras.

A composição das 113 parcelas era a seguinte:

97, sejam 86%, com ucuubeiras de classe 3 e acima;

5, sejam 5%, com ucuubeiras de classes 1 e 2;

10, sejam 9%, sem ucuubeiras.

O número e o volume médio, sem casca, por hectare, segundo as classes de diâmetro, foi o seguinte:

Classe de diâmetro	N° de árvores p/ hectare	M3 de mad. p/ha
1	12,9	-
2	12,4	-
3	12,7	7,7
4	9,6	12,1
5	4,8	9,9
6	1,8	5,7
7	0,3	1,2
8	0,2	1,2
9	0,1	1,0

Isto corresponde a que, da classe 3, inclusive, para cima, o número médio de árvores por hectare é 29,5, com um volume de madeira de 38,8 m3 por hectare. Da classe 5, inclusive, o número médio de ár-

vores por hectare é 7,2, com volume de 9,1 m3.

Para a região tôda, o volume total de madeira sem casca, de classes 3 e acima, pode ser avaliado em 1.745.000 m3 e o de apenas as classes 5 e acima, em 855.000 m3.

Estas estimativas, entretanto, devem ser usadas com certa reserva, visto a escassez dos dados em que se apoiaram.

Região III - Rio Anapu

As várzeas ao longo do rio Anapu e seus afluentes estendem-se por mais ou menos 150 Km2. Excluindo as faixas ocupadas pelos rios, lodaçais e áreas cultivadas, vistas nas fotografias, a superfície de várzeas pode ser estimada em 10 a 15.000 hectares.

As margens do Anapu são densamente povoadas. Ambas se acham sob a influência das marés (2 a 3 metros, na estação chuvosa), sofrendo também os efeitos da água da chuva.

Na área, foram abertas 7 picadas

com 19,5 Km de comprimento total, nas quais foram consideradas 195 parcelas de 0,1 ha (100 x 10m), que se apresentaram como segue:

110, ou 56%, localizadas na várzea ou no igapó (algumas pequenas manchas em zonas de transição)

15, ou 8%, em áreas cultivadas
70, ou 36%, em zonas de transição.
Das 110 parcelas em várzea ou igapó,
43, ou 39%, continham ucuubeiras das classes de diâmetro 3 para cima;
29, ou 27%, tinham ucuubeiras das classes 1 e 2;
10, ou 9%, tinham mudas
28, ou 25%, não tinham mudas nem ucuubeiras grandes nem mudas.

Por classes de diâmetro, a distribuição apresentou-se assim:

Classe de diâmetro	N° de árvores p/ha	M3 de mad. p/ha
1	5,0	-
2	4,3	-
3	3,1	2,1
4	1,7	2,2
5	0,6	1,3

Da classe 3 para cima, o número médio de árvores por hectare é 5,4, com um volume de 5,6 m3 de madeira.

Para a região tôda, o volume de madeira sem casca, da classe 3 para cima, foi estimado em 30.000 m3, e o sòmente da madeira da classe 5 em diante, em 7.300 m3.

III - ASSOCIAÇÕES DA UCUÚBA

As principais associações da ucuúba são:

I - Na várzea:

a) Ucuúba, buriti, açai (Região II)

b) Ucuúba, buriti, açai, ubuçu (Região II).

II -No Igapó:

a) Ucuúba, açai (Regiões II e III).

Nas áreas de várzea do Tocantins, a presença da palmeira buriti é geralmente indicação certa da presença, também, da ucuúba.

IV - CONCLUSÕES

Recomenda-se fazer um inventário mais detalhado da Região II, ilhas ao norte de Baião. A época é durante a estação sêca, isto é, de junho a fins de novembro.

Um mapa detalhado das regiões II e III foi preparado com o fim de facilitar um adequado estudo das mesmas.

Se o corte da ucuúba for legalmente autorizado, isto, à primeira vista, parece que não constituirá perigo para a conservação da espécie, pois, conforme a revelação do inventário na região do baixo Tocantins, em relação às árvores de menor diâmetro, poucas são as de 45 em diante, seja, das medidas procuradas pela indústria. A retirada destas favorecerá o desenvolvimento de outras. É sabido que numa floresta virgem a curva de distribuição dos diâmetros tem normalmente a forma dum J, isto significando que o número de árvores de diâmetros mais baixos é muito maior que o das árvores de diâmetros mais altos.

Não deve ser esquecido que os presentes resultados se basearam em apenas um inventário, pelo que não devem ser aceitos como conclusões definitivas. É preciso aumentar os estudos.

O pedologista da Missão, sr. W. G. Sombrook participou da excursão, para fazer um estudo dos solos da região inventariada.

S U M Á R I O

DOCUMENTAÇÃO

AGENCIA DA S.P.V.E.A.
Av. Franklin Roosevelt, 39 - 8° andar
Rio de Janeiro, G.B.



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

